

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA**Possibilidades do olhar da psicopatologia fenômeno-estrutural no acompanhamento de pessoas com experiência de adoecimento por câncer**

Arlinda B. Moreno

A aqui denominada psicopatologia tradicional tem deixado de ser recurso à saúde mental, uma vez que, por meio de sua roupagem criteriológica (universalista), transformou-se em sinônimo de saúde mental (WHO, 2002). Tal redução redundou em traduzir sofrimento psíquico por quadros nosológicos e medicalizáveis que, seja por meio do uso de medicamentos, seja pela construção de racionalidades explicativas a serviço da ortodoxia social, conformam elementos fundamentais à funcionalidade e prontidão subservientes nos humanos tão necessários às operações lucrativas típicas do neoliberalismo (Whitaker, 2017; Han, 2023; Safatle, 2018). Dito de outra maneira, os mecanismos de conformação social – que o mundo da supremacia tecnicista (colonizadora) em seu pensamento preponderantemente calculante e apartado, portanto, do pensamento meditativo, além de diametralmente distante das tertúlias solidárias que promovem, no caminho do meio, serenidade (como há mais de 70 anos alertou Heidegger) – devem ser vistos, desde um ponto de vista ético, como produtores de sofrimento psíquico (Heidegger, 2001a e 2005). A ortodoxia social produtivista imposta pelo pensamento calculante, mas que nunca, na chamada sociedade pós-moderna (crente na artificialidade da inteligência) impõe, incontestavelmente, a geração de produtos e fomento ao consumo de bens materiais (deveriam chamar-se assim?) dissociados do pensamento meditativo – pergunta-se o quê produzir, e não, o como produzir, para quê produzir? Pessoas, humanos, quando denominados pacientes na forja medicalizante, podem ser mergulhados em universos multiplicados de dor posto que, para além do sofrimento psíquico, experienciam algum fenômeno de privação (doença), aqui especialmente, manifestações do câncer (Heidegger, 2001b). Na contracorrente da matriz criteriológica em saúde mental, a psicopatologia fenômeno-estrutural (que prima por modelos descritivos e compreensivos, em primeira pessoa) tem se revelado vertente de força na compreensão do humano visando à mitigação de suas dores e sofrimentos, de forma apartada da trilha explicativa que fabrica caminhos de causalidade palatáveis à maioria da população, sem que, no

entanto, tais caminhos desaguem em mananciais que propiciem compreender-se a si próprio em sua humanidade, mas, isso sim, em sua mais robusta objetividade (Messas & Fullford, 2021). Assim, o presente ensaio tem por meta apontar possibilidades do olhar da psicopatologia fenômeno-estrutural no acompanhamento psicoterapêutico de pessoas com experiência de adoecimento por câncer a partir de um modelo descritivo e compreensivo aderido à fenomenologia hermenêutica heideggeriana. Desde um arcabouço heideggeriano, os modos que possibilitam ao ser-do-ser apresentar-se, ou as estruturas ontológicas fundamentais do ser-aí, mais especificamente nesse ensaio, existencialidade, facticidade e decadência, bem como finitude, cuidado, temporalidade, espacialidade e historicidade serão primordiais para a compreensão e acompanhamento do sofrimento humano do ser-aí em fenômeno de privação (Heidegger, 2001b). Essas estruturas se co-engendram e se reintegram de forma dinâmica reconfigurando condições de possibilidade. Portanto, o trabalho da psicoterapeuta na abordagem fenomenológica existencial junto a pessoas em fenômeno de privação, volta-se, a partir da narrativa em primeira pessoa, à compreensão, desvelamento e reintegração dinâmica das condições de possibilidade do Dasein. Tais apontamentos pretendem ampliar ainda mais o caminhar da psicopatologia fenômeno-estrutural de base fenomenológica existencial, em suas dimensões ética, crítica e clínica, além de inspirar profissionais da saúde mental a fazê-lo.

Palavras-chave: Psicoterapia fenomenológica existencial; Psicopatologia fenômeno-estrutural; Oncologia.